

PSD une o Parque Mayer à Faculdade de Ciências

A VERAÇÃO PSD da Câmara Municipal de Lisboa vai propor o lançamento de um concurso público de ideias para a reconversão da área ocupada pela Faculdade de Ciências, pelo Jardim Botânico e pelo Parque Mayer. O projecto, elaborado por Vitor Reis, arquitecto, responsável pelo pelouro da Cultura, defende não só o derrube das barreiras entre os três espaços, mas também a reconversão de certas zonas envolventes.

Esta proposta surgiu depois dos protestos da direcção da Sociedade Avenida Parque, segundo os quais nenhuma instituição de crédito aceitara participar na reconstrução do Teatro Maria Vitória, destruído por um incêndio em 10 de Maio de 1986. Logo após o fogo várias entidades se haviam pronunciado em favor da reactivação do velho Teatro de revista, designadamente o vice-primeiro-ministro, Eurico de Melo, e o presidente da Câmara, Nuno Abecasis.

Desse modo, os proprietá-

rios do Parque Mayer iniciaram obras e dispenderam 35 mil contos de um total de 65 mil orçamentados.

Apesar dos apoios manifestados inicialmente, ninguém acorreu ao Parque: seis instituições de crédito recusaram o empréstimo dos restantes 30 mil contos; a Secretaria de Estado da Cultura prometeu 3500 contos de subsídio, mas só com a condição de as obras serem asseguradas por algum banco; e, por fim, a Câmara Municipal pouco mais ajudou do que na recolha do lixo.

Destruir barreiras

Após o alarme lançado na semana passada pelo administrador delegado da Sociedade Avenida Parque, Artur Gouveia, os autarcas lisboetas debruçaram-se de novo sobre o assunto. Na opinião de Vitor Reis (PSD), a Câmara deveria pedir ela própria o empréstimo bancário, tornando-se assim credora do Parque Mayer. Mas, segundo Vasco Franco (PS), deveria ser o próprio Nuno Abecasis

a pressionar as administrações do Montepio Geral ou da Caixa Geral de Depósitos para que seja concedido crédito directamente aos proprietários do Teatro Maria Vitória.

De qualquer modo, a posição bancária é clara: argumentando com as directrizes governamentais de restrição ao crédito, os bancos recusam a hipoteca de um ou mais teatros do Parque Mayer.

De que serviriam as hipotecas aos bancos? Segundo Vitor Reis, todo o Parque se encontra em franca decadência: «Não é por acaso — diz — que o Maria Vitória ardeu. À sua volta, tudo é degradação e desertificação.»

O mesmo vereador entende assim que a reconstrução do Maria Vitória nada significará se não se proceder a uma operação mais vasta, ou seja, à reconversão da área compreendida entre a Avenida da Liberdade, a Rua do Salitre e a Rua da Escola Politécnica.

A ideia já não será nova. Em 1969, o arquitecto Carlos Ramos propusera que fossem

construídos torres e hotéis em torno do Jardim Botânico. Em 1973, os estudos de Pedro Vieira de Almeida para a Avenida da Liberdade já previam alterações à Rua do Salitre. Actualmente, está em análise na Câmara um estudo de Barros Gomes que prevê a construção de um edifício entre o Parque Mayer e o Jardim Botânico.

Segundo Vitor Reis, tal projecto viria a condenar decisivamente qualquer desanuviamiento da área em questão: «A minha intenção é precisamente oposta — esclarece. Animar lúdica é culturalmente o Parque Mayer e destruí-lo a barreira cerrada com o Jardim Botânico.»

Interrogado sobre a possibilidade de o Jardim, que contém as mais raras e variadas espécies vegetais, vir a ser degradado por um acesso mais fácil, Vitor Reis respondeu: «Haverá mais entradas, mas de igual modo controladas. E para além do mais, para que servem os guardas?»

Rui Cabral



Faculdade de Ciências, Jardim Botânico e Parque Mayer: reconversão de um espaço

Política educativa